



Semanário humorístico e literário

Propriedade da Empresa do PARDAL

Director e editor: Luís Teixeira Jacinto — Administrador: António Dantas

Redacção: Campo da Misericórdia, 13
Administração: Rua de Paio Galvão, 70



Composto e impresso nas oficinas da
Tipografia Minerva Vimaranesse

Guimarães, 28 de Maio de 1916

Prega frade

Prega frade...

Vocês enlouqueceram!... então não sabem que a menina Obras Públicas não está cá?!

Saiu... foi dar o seu passeio habitual...

Tem muito que tratar, tem muito que ver. Não julguem que trata de bombas, isso trata ela, era officio muito pesado. A estas horas já, com toda a certeza, tem andado em *treino* na *Avenida* a ver se consegue esfolar os pés. Pois então... «antes que cases, olha o que fazes», e ela, antes de fazer as obras, deseja dar o corpo ao manifesto, — como qualquer caixeiro de mercearia que tem de alombar com cinco anos de prática, para conseguir que no fim desses

anos de labuta o patrão o ponha a andar—.

Agora a **D. Obras Públicas**, a prima da **Câmara**, está a fazer o projecto dos paralelipipedos em cimento armado, para a *construção* da dita **Avenida**. Não querias, isso é que vai ser um luxo!!!

Tal qual como a **Câmara**!

Sai à família... e como quem sai aos seus não degenera... quando estiver a planta dos *Campos Elísios Vimaraneses* pronta, então sim... então é que temos a coisada e o supremo gosto de subirmos de trem, sem o nosso trambolhão dentro do dito, até ao Cavalinho.

Eu estou a ver já o eléctrico a vir de Braga aqui, e daqui à Penha primeiro que a *Avenida* composta.

Deem tempo ao tempo e verão se é ou não ver-

dade. Isto já é costume velho.

Então a prima **Câmara** não faz já projecto dos **Elísios**, em vez de fazer primeiro a limpeza da cidade! Ele é herva por todos os cantos e ainda se fôsse só herva! O peor é que há herva, e quasi a rima, aos montes. E nem admira...

Um dia destes, um *pobre touriste* foi atacado subitamente de desinteria —desculpem o termo— e se querias ver camarada, o velhote atrapalhado, agarrado às calças e pedir lhe indicassem uma —W C—. A páginas tantas, teve uma alma caridosa que lhe disse: nesta terra não existe disso. Oh! desilusão! o pobre do homem fez mais um esforço ao ver todos os seus calculos perdidos, e... e o resto sabe-o a lavadeira.

Pardal.

O Pardal na deponicadela

Um patriota

No «Imparcial» o sr. F. atenga aos seus colegas liceais, sacudindo-lhes o indiferentismo, agitando-os, abanando-os e pedindo-lhes que expandam o seu regosijo, que patenteiem o seu patriotismo, que deem enfim sinais de vida, mostras de valor e de coragem. Quer que eles se levantem de voz em grita em bombásticas manifestações, e que o seu eco reboe, repercutindo-se por tôdas as academias, para que em amigável e forte camaradagem, unidos fraternalmente, deem um exemplo flagrante de civismo e amor pátrio.

Era muito bonito, mas eles não leem por essa cartilha.

Perdeu o sr. F. o seu precioso tempo.

Falar nos tempos bicudíssimos que correm em patriotismo, é falar em sacrifício e abnegação.

Dissemos que perdeu o seu tempo; não, não perdeu o seu tempo.

Alguém o leu com interesse, alguém traduziu as suas palavras, alguém meditou no seu artigo.

Menos eles, os seus colegas, pois esses mastigaram em seco e não enguliram a pílula.

Entanto, melhor fôra fazer como Santo António... Prêgar aos peixinhos.

«Para me compreender, diz Homem Cristo, era preciso abstrair tôdas as influências pervertidas, venenosas, estúpidas, a que obedecem os homens em Portugal.

Aqui não há sinceridade nenhuma.

Em ninguém.

Aqui não há desinteresse, abnegação, ideal.

Em ninguém.

Aqui há subserviência, egoísmo, mentira, hipocrisia, e mais nada.»

Não diga mais sr. Cristo da pureza.

Já ante a nossa vista fez desfilar um cortejo tétrico de podridões e fraquezas.

Não diga mais pelas almas:

Ninguém vos pode compreender porque só vós sois puro e perfeito... saltão.

Sempre há cada maganão...

Vá lá a gente entendê-lo.

Desde que a febre ataca um jornalista, o delírio é inevitável.

Sôbre a conferência da S. M. S. diz o «Repúblicano»:

Resolvemos não mexer na fétida trampa dessa impiedosa, sacrilega bambochata, enquanto não soubermos o resultado do inquérito.

Será melhor não mexer, será, por causa do mau cheiro.

E' preferível limpar.

Quem faz tolices, quasi sempre recebe o pago.

A ver vamos no que param as modas.

Presumes, tôda lampeira,
Linhagem de alto valor;
Mas linhagem, meu amor,
Vem a ser... serapilheira...

(Da G. da F.)

Tarde piaste!...

O Pardal no cine

FITA—B. S. C.

Argumento

Pendurado num charuto
De vintem, o maganão,
Passa manhãs inteirinhas,
O folgasão,
A dirigir piadinhas,
A's sopeirinhas,
Que cedo p'ra praça vão.

O Pardal para Mademoiselles

Dá-me os teus braços, mulher,
Embala a nossa Ventura...
Que as sombras do nosso amor,
Não irão à sepultura.

Assim como a lua formosa, aparecendo no firmamento, dissipa as trevas enviando à terra seus argentinos raios. Assim a luz dos teus olhos dissipa a noite tenebrosa do meu coração.

As saudades, são as provas leais que o coração sente, quando experimenta o mais sincero amor.

Quando no coração se encontra o sincero amor, existe sempre na mente a imagem do ente amado.

A felicidade é um bem que mora no coração, perfumado pela flor da amizade.

O amor é a mimosa violeta, que nasce no jardim ao lado da virtude; o coração.

A longitude não afasta os corações pelos laços da verdadeira amizade.



Anunciam-se grátis todas as publicações literárias, mediante a permuta dum exemplar.



Em Foco

Modelo de virtude sem igual!
Alma bondosa, pura e imaculada!
Reflexos de luz viva em seu olhar
emanados qual brilho de luar,
adornam-lhe sua fronte idolatrada.

Por vezes a vemos envolta no manto de caridade, entre um bando de débeis criancinhas que tam cedo ficaram sem os carinhos de família, essas desprotegidas da sorte que se albergam num simpatico asilo desta nobre e laboriosa cidade.

Como é agradável ver com que excelso amor e maternal carícia ela transporta ao coração silente dessas orfãosinhas, palavras de conforto e refrigério, incutindo-lhes na alma ainda inocente, o effluvio da obediência em borboções de candura.

Sempre um sorriso nos lábios nacarados a condecorar-lhe a pureza do espirito.

A bondade do coração e um fundo bem-querer, fazem-lhe auri-fulgir no seu olhar tam puro e santo doces requebros de caridade.

Pianista exímia!

O som melodioso dessas notas tiradas ao piano por suas delicadas mãos, suscita-nos na alma attibulada momentos de alegria e tranquillidade.

Uma intelligência lúcida e um saber sem vaidade, veem também engrinaldar a sua vida toda riso-nha e fagueira.

Guimarães, Maio de 1916.

PARAÍSO.

*

A' insinuante loirinha, princesa formosíssima de mãos de fada e

elegância estonteante, que a má-quina em foco nos retrata e mostra hoje, quem é capaz de classificar-lhe os seus sorrisos de fino encanto, a encantadora viveza e augusto brilho do seu olhar?!...

Um busto de deusa da côr do luar, quem sabe descrevê-lo?!...

A' graça ideal das virgens hebrêas, que nos seus lábios rosados se adivinha, que Rubens, Van Dick e tantas outras sacrosantas glórias da Arte saberiam dar-lhe expressão?!...

Meigos e ternamente lindos os seus olhos de indefinida côr, formosas e franjadas as suas ondulantes tranças de *Bébé*, gentilissimo o seu porte—*Aninhas*, talentosa pianista do Sentimento, anjo alado da walsa, é das talassinhas sinceras que com mais sincera convicção e profundo prazer ostentam por diadema insubstituível e valoroso a Sua muito amada e querida bandeira de Paz e Pureza, glória insigne dos seus Avós illustres.

Nobre pela raça e pelo coração, Ela é nos seus Pombais a mana adorada das suas adoradas manas, o enlevo querido das suas queridas amigas.

Dotada de bondade inexcedível, dum harmonioso timbre de voz que faz sonhar, dum espirito alegre e finissimo, a gente esquece-se dos males e dores do Mundo quando lhe ouvimos dizer, acalentando as *pequerruchinhas*, que lhe imploram a esmola das suas bençãos no tratamento descuidado da Inocência: «então que confiança é essa!»

Henriques.

«Noticias políticas

Lisboa, 23.

A proposta de lei que o sr. ministro dos estrangeiros levou a última hora ao Parlamento, criando no seu ministério um lugar de consultor geral, tinha por fim anichar um afillado. Tratava-se nada mais nada menos, que do sr. dr. Machado Vilela, lente de direito internacional na Universidade de Coimbra, o qual se fôsse nomeado para o cargo que se pretendeu criar seria, ao mesmo tempo, transferido para a faculdade de Direito de Lisboa. Desta vez, porém, ainda não pôde ser. Veremos se para a outra será...»

Claro: a cântara tanta vez vai à fonte até que um dia lá fica a aza.

Pode ser que o nicho fôsse pequeno e é natural, até, que se arranje coisa melhor...

Ah! pá!!! Ainda dizem que a Suissa... qual Suissa; abram bem os olhos e reparem cá para este Portugal; isto sim, isto agora é outra loiça.

TARDE PIASTE!...

O Pardal em ceara alheia

Graça doutros

(imitações do espanhol)

III

—;Porque será que o Monteiro Faz despezas dalto lá?...

Tem velhota com dinheiro Ou então alguém lho dá!...

—Não pense tal, Dona Ester; Ele só tem, coitadinho, Uma formosa mulher E o banqueiro vizinho!

Pôrto.

EDURISA.

Tarde piaste!...

© Pardal aos domingos

Com visível tristeza desmedida,
logo que soube que ia p'ra soldado,
O Peixoto, com a alma desabrída
e o fundo das ceroulas... estalado,

Seguiu numa carreira desabrída,
louco de todo e todo apalermado,
para casa da sua delambida
onde berrou de susto sufocado:

—Como o último decreto da milícia
obriga a separar-me da Felícia
enquanto dura a guerra que desbanca

Escosadas serão minhas canceiras
indo ela nos milhões de lavadeiras
que se vão arranjar p'ra roupa branca!

TIRTEU.



Uma joia que nos apateceu em
casa:

«Nos abaixo assignados Mem-
bros da Junta de parochia desta
Freguezia de S. Salvador de Bri-
teiros Concelho de Guimarães,

Juramos de baixo da nossa hon-
ra que Fransisco Brisimo Cazado
Morador no logar da grella nun-
ca foi padeiro, e perisso assigna-
mos por ser berdade tudo isto,
Briteiros 29 de Março de 1916».

Seguem-se as assinaturas que
não publicamos senão os homi-
nhos podem corar.

A junta é constituída por três,
mas ó que três maduros. Não so-
mos professor de ensino oficial
nem particular porque se o fósse-
mos não nos custaria mesmo na-
da pegar numa palmatória e as-
sentar meia dúzia de bolos em
cada um. Porisso limitamo-nos a
indicar a êstes três cavalheiros a
escola do Cacada, na Costa.

Cacada! Cacada, meninos.

Mas como êstes ainda há mais,
muito mais, são às centenas!...

Gemidos da nossa lira

Trovas oferecidas ao nosso poético povo

(Cancioneiro para vio-
las e instrumentos de
corda e palheta: para
instrumentos também
de peles e ferrinhos: pa-
ra dar a afinação preci-
sa o cantador ou canta-
deira tem de cantar,
sentimentalmente, se-
não... lá se vai a fes-
ta... Clave de sol: tom
menor...)

XXXIII

Chorai mocinhas solteiras
E casadas e viúvas.
Que a terra da liberdade
Agora é chão que deu uvas.

XXXIV

A liberdade hoje em dia,
Depois de tantos cadilhos,
E' um homem na sua casa
Co'a sua mulher e filhos.

XXXV

Todos choram a Severa
Com pranto correndo a fio;
Pois chorem a liberdade
Que está dar o último pio.

XXXVI

Cala lá não digas mais
Senão apanhas pancada;
Com sumo de limão verde,
Faz-se muita tratantada.

JOÃO BREJEIRO.

TARDE PIASTE!...

Retirou do hospital da Miseri-
córdia para sua casa o solicitador,
sr. António José da Silva Ferrei-
ra, que ali se encontrava em tra-
tamento, após o desastre de que
foi vítima na estação de Santo
Tirso.

Correspondência

◀ CATKA ▶

Chicória—Só com vinagre e azei-
te, mas tenha paciência, nós gos-
tamos mais de alface; somos gri-
los.

Languido—Você parece-me um
lambido; ora o diabo não tem so-
no...

Jones Pink—Safa camarada. Aqu-
ilo o que é? Está mais coxo...
Palavra que nunca vi coisa assim.
Uma das quadras tem dezessete
sílabas. Onde é que estudou tal
verso, não me dirá? Tome tento
na bola... Arre que é...

Toninho—Salta dez quilos de jui-
zo para êste maduro. Temos cá
um cesto para papeis que pode
com êle e mais alguma coisa.

Lola—Já estamos fartos de re-
ceber mas não é possível. Acha-
mos amor de mais...

Mariquinhas—V. Ex.^a não tem
vergonha. Faz favor de perder o
amor a trinta e cinco e mande-
-lha a casa dele. Mas olhe que,
francamente, «o carro adiante dos
bois» não tem muita graça.

Jaque—Pois sim... Já nos teem
chamado mais do que isso, e ain-
da agora estamos em jejum...
Pode ser... pode!!!



«Há dois ou três dias que se fala
na possibilidade do actual ministério
sofrer, muito brevemente, profundas
modificações. Porquê? Só vagamente
o dizem aquêles que privam com os
políticos de alta cotação e dêles rece-
bem o santo e a senha.»

Isto já não tem comentários...

No momento tam grave como
o que atravessamos... Oh! filhos
vê-de lá isso... Vêde se quereis
ainda um novo ministério.

Chamai o Camacho... olhem
que é fixe e êle está a pedir go-
vêrno como quem pede jinjas...



O Pardal no dicionário

C

Cabeludo—Barbudo...

Cabo... (Tomás) Uma figura que é para admirar, pelas bigodeiras...

Cabrão... Amante do fado.

Cacau...—O que a mim me falta às vezes...

Cação—Peixe que se dava de graça... e agora custa um dinheirão.

Cacetada—O que eu qualquer dia apanho por me estender no palavreado.

Cachaço—Sítio onde se enterra a choupa.

Cachopa (boa)—Criatura que me levava até ao inferno se me aparecesse.

Cacique—Menino que já existiu... Agora não há!

Cagaço...—Animo, para apanhar duas marmeleiradas.

Cágado—Tartaruga com a cabeça grande.

Calças (pardas)—Como eu já me tenho visto.

Calisto—O Manuel das portas da vila.

Calva—A pinha do Freitas.

Camafeu—Criatura que se julga alguém, e não passa de ser escumalha.

Camareira—Menina que nos põe os olhos búrios.

Camarão—Uma coisa que nos faz crescer... água na boca.

Cambada—Canzoada reles.

Canelo (esticar o)—Ir para a fábrica do tijolo.

Canhota—A irmã da direita.

Canivete—Bisturi que serve para nos pôr as tripas ao sol.

DR. XABREGAS.

Tarde piaste!...



—O' papá, papá?

—Que queres?

—O papá já se esqueceu De me comprar o fatinho Que, há mezes, me prometeu?

—Não, meu querido Toninho, Vamos comprar o fatinho.

—Olhe, que eu quero uma roupa De blusinha e calção, Com bolsinho aqui, ao lado, P'ra meter a minha mão.

Eu quero também que a blusa Tenha botões amarelos...
—Do que queres deve haver No Ernesto Vasconcelos.

(Entram os dois no Londres em Guimarães, ao Passeio da Independência :)

—Ora bons dias, senhor.
—Como passa? como está?

(A criança indicando:)

—Papá: eu quero um assim Como aquel'que ali 'stá.

—E' que o meu Tónio, senhor, Deseja um fato escolher.
—Ora pois não, sim senhor, Tenha a bondade de o ver.

—Papá: eu quero Este azul Bonito! de jaquetão!

(Muito alegre:)

Quando fôr à romaria Hei-de ser um figurão!...

—Queira, pois, embrulhar este. Fica o rapaz arrumado.

(Puxando da bolsa:)

—Quanto é? —Sete mil réis.

—Até depois. —Obrigado.

Oscar Diniz.

O PARDAL NOS PENSAMENTOS E DITOS

Não há bilhar senão no meu café!

Andrade.

Passo a vida com a boca aberta...

Nena.

E eu também!... Se calhar é doença?

Oliveira.

Eu que escreva e o diabo que me leia...

Jacinto.

Sou muito amável... muito amável.

Domingos.

Sou um homem encravado.

E. Costa.

Os malditos já me chamam alferes!...

Andrade.

Vou deixar o negócio de bonets e vou passar a vender capacetes...

M. P. Duarte.

O «Sanogeneo» cura a anemia, a neurasthnia, levanta o estado geral e o apetite, aumenta o peso, faz desaparecer as insónias e os suores noturnos e diminue a tosse; assim o afirmam os médicos da maior nomeada.

Sousa da Normal.

Os meus socos e as meias brancas; são o chamaris do sopeirame.

B. S. Costa.

Chamam-me Leão, por causa da cerveja!...

Machado.

Porque será, que eu já não uso colarinhos grandes?

Godinho.

Num lado põe-se a pipa e noutro lado o...

Laureiro.

Sou professor, jornalista e nas horas vagas canto no côro.

João de Deus.

Eu faço a mesma coisa, com a diferença apenas de fazer côro ás cédulas dos freguezes.

Oliveira.

Ai... os pardais a quererem pegar comigo.

A. Machado.



«Dr. Afonso Costa

(PELO TELEFONE)

Lisboa, 23.

O sr. dr. Afonso Costa regressou de Ceia no comboio rápido da noite, acompanhado de seu irmão.»

Oh! Doutor! Desta vez sempre escapou a um desastre... Cuidado... a pé, não se escorregando em cascas de laranja, achamos mais seguro o corpinho...

«Prevenções

(PELO TELEFONE)

Lisboa, 23.

Todas as tropas da guarnição, marinha e guarda republicana estão esta noite de prevenção.»

Que será? Será por causa dos Alamões... será... será.

«Experiências da aviação

MADRID, 23 — A's 4 horas e meia da madrugada saíram de Madrid para Cartagena quatro aeroplanos Farman, tripulados por oficiais e acompanhados por observadores.

Desceram em Albacete para se prover de gazolina.»

Olha a grande coisa!!

Se vissem os vôos dos nossos aeroplanos, ficavam maravilhados.

Um vôo vi eu fazer, do Terreiro do Paço até ao Arsenal, dentro duma carroça... Imaginem se os nuestros hermanos vissem isto... Até fugiam de espantação.

O Pardal na galeria

Teatro Gil Vicente

O emocionante drama *João José* pela companhia *Correia Peixoto*, que tanto successo tem alcançado neste teatro.

*

Encontram-se hoje abertas as farmácias do Hospital e Martins.

*

Recebemos os cumprimentos dos actores *José Malta e Alfredo Pereira*; os nossos agradecimentos.

*

Zina Mesquita e Cristiano Mesquita agradecem a todos os seus amigos a fineza que lhes dispensaram, no dia da sua festa artística. A todos um *xi* apertado.

Várias

Júlia Peixoto e Correia Peixoto agradecem a todas as pessoas que lhe foram gratas no dia da sua festa artística e esperam que lhes desculpem alguma falta involuntária.

Iguais agradecimentos faz a toda a rapaziada amiga, como também a excelente banda dos Guises, que honradamente se pres- tou a abrilhantar a sua festa.

*

O nosso amigo sr. Benjamim de Matos, comunica-nos que acaba de ser nomeado correspondente da Companhia de Seguros *O Futuro*.

Ao ilustre Benjamim, os nossos parabêns, e creia que logo que possamos, lá iremos colocar a mobília modesta do nosso passaroco — mas quer-se baratinho porque para amigos mãos rotas — valeu?...

Tarde piaste!...

O PARDAL CÁ POR CASA

Expediente

Prevenimos os nossos estimados auxiliares que vamos proceder à cobrança da 1.ª série de assinatura de *O Pardal*.

Exigua como é a sua importância, uns míseros 250 réis ominosos ou uns misérrimos 25 centavos luminosos, como queiram, e ao sabor de todos, porque todos são, os que nos pagarem, muito boas pessoas, esperamos que ninguém deixará devolver os recibos por falta de pagamento, pois que sem êsse *milho* o «Pardal» não poderá viver.

E, convictos como estamos de que ninguém deixará de comparecer a êste chamamento, aqui deixamos o nosso agradecimento, espetançados em que não teremos de que nos arrependar por ir à frente.

Ora vamos a ver.



«Quando é, afinal, substituída a actual comissão de censura do distrito de Lisboa? Ignora-se. E, todavia, essa entidade estranha, que se tem farto de abusar e de praticar toda a casta de atropelos...»

Olha... olha, êste diabo ainda agora aqui vai... Valha-te S. Gregório... Espera lá dois minutos que ainda há de vêr mais...

Pois antão comi ê!...



Num tribunal

(Parodiando um bi-semanario)

Juiz: Como se chama?

Reu: A. J. d'A. M.

Juiz: em que se ocupa?

Reu: Sou jorna... jorna...

Juiz: Já sei, já sei: é jornalista. Sabe de que é acusado?

Reu: Não, senhor.

Juiz: E' acusado de comprar um cavalo com dinheiro alheio.

O PARDAL NO GARNET

O sr. Juiz de direito desta comarca conferiu há dias posse do lugar de escrivão de direito ao sr. José Maria Batista Ribeiro, transferido ultimamente da comarca de Fafe de igual lugar que ali exercia.

Assistiram à posse os srs. Conde de Paçõ Vieira, Dr. Eduardo Coelho, juiz de direito em Mondim de Basto, Cónego José Maria Gomes, José Maria de Freitas e Castro, de Fafe e outros funcionários do juizo desta comarca.

Tanto o sr. Juiz de direito como o sr. Conde de Paçõ Vieira fizeram as mais lisonjeiras referências ao novo escrivão a quem felicitamos sinceramente.

Na administração do concelho está-se a proceder ás necessárias investigações sobre um crime de assassinato praticado em Arões, concelho de Fafe.

Faleceu a sr.ª D. Delfina Rosa Gonçalves, sogra do negociante desta praça, sr. António Virgem dos Santos.

Pesames.

Depois de alguns dias de estada entre nós, retirou para Inhambane, onde exerce o cargo de funcionário do quadro administrativo, o sr. João Lopes Cardoso.

Deu entrada em quarto particular do hospital da V. O. T. de S. Francisco o sr. Luís de Melo.

O sr. Ernesto de Vasconcelos, proprietário do casa «Londres em Guimarães», vai montar uma filial na povoação de Vizela, cuja inauguração se realiza no dia 1 de Junho.

Até 10 de Junho está aberto o cofre para pagamento das avenças municipais respeitantes ao 3.º trimestre do corrente ano.

A chamada romaria pequena de S. Torquato, realizada no domingo, não teve a concorrência dos anos anteriores.

Não houve desordem digna de menção.

Foi muito admirada a elegante colecção de rosas exposta no Asilo de Santa Estefânia pelos conhecidos horticultores portuenses, srs. Alfredo Moreira da Silva & Filhos.

Também mereceu especial atenção a que expôz o sr. Alvaro Costa Guimarães, desta cidade.

Encontra-se na capital a sr.ª D. Lucia de Sequeira Braga Leite de Faria, esposa do sr. Dr. António B. L. de Faria.

Em substituição do professor do Liceu, Cónego Dr. Manuel Moreira Júnior, que se encontra de licença, foi chamado ao serviço o sr. Dr. João Martins de Freitas.

Está entre nós o nosso conterrâneo sr. António Teixeira de Carvalho, negociante no Pôrto.

Regressou de Alcoentre o sr. Dr. José Maria de Moura Machado.

Regressou da capital o sr. Dr. Pedro de Barros, da casa de Vila Pouca.

A direcção da Associação Commercial acaba de enviar aos vimezanenses cartas—circulares, solicitando-lhes o costumado donativo para a realização das festas Gualterianas que com o devido brilhantismo, se hão-de efectuar no mês de Agosto.

Em S. Paulo (Brasil) succumbiu repentinamente o sr. Abel Pereira da Silva, filho do sr. António Pereira da Silva, considerado negociante da nossa praça.

O extinto era entre nós muito estimado pelo seu belo carácter e pela sua illustração.

As nossas condolências.

O PARDAL NA SECCÃO LITERARIA

As Pedras

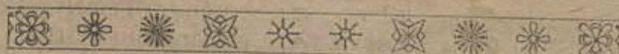
*Pequeno, pelo monte meditando,
As pedras — meu Deus — ouvir eu queria,
Percebendo sua trémula harmonia,
Ficava por momentos escutando.*

*— Porque viveis, perpétuas suspirando,
Ao sol, à chuva, sem uma alegria,
Porque fazeis da vida eterno dia?
E assim ao abandôno ides ficando!*

*Entre as pedras há várias pulsações;
Vidas estranhas, ser's sem corações,
Suas lindas cataléticas espantam;*

*Os seres ignotos que nelas moram,
Tragicamente, retorcidos choram,
Liricamente, prisioneiros cantam.*

Luis Teixeira Jacinto.



Flores de Maio

121

*Como se vê o mar e o azul do espaço
Flutuantes em mil constelações;
Como se vê a terra num abraço
Unir a si floridas criações,*

*Se se visse de leve o sofrimento,
Dor atróz de seniz aberrações,
Alma em vai-vem como o vai-vem do vento,
Que me geram no peito maldições,*

*Já terias aberto o teu regaço
A esta confissão que agora faço,
Único alívio que minha alma tem?*

*Bem sei que suportavas um tormento,
Mas a gente que ouvia êsse lamento
Era eu e tu, nós ambos, mais ninguém!*

Maio de 1916.

R. E.

A ALGUÉM

*Quando se senta alegre ao seu piano,
Nos lábios de carmim doce sorriso,
A minh'alma se evola ao «Paraiso»!
O seu olhar tam meigo, terno e insano,*

*Derrama com alvor e intuição
Uma luz radiante e piedosa
Luz tam viva, tam casta, tão formosa
Que ilumina o mais árduo coração.*

*Então os raios de luz que, com ardor,
Se sentem dispersos cheios d'afecto,
Fixam naquele rosto tam dilecto,
O sentimento mais puro do amor.*

*Sôbre o fino teclado de marfim
Deslisando seus dedos sem lamento,
Me faz extasiar o pensamento
Com aqueles sons vivos que, sem fim,*

*Redobram com ardor suavemente,
Belos trechos de música sonora!
São como madrigais lindos d'aurora,
Saudando um coração assás dolente.*

*Sua voz vibrante e maviosa
Em suaves trinados de canções,
Com amor vem ferir os corações
Numa santa harmonia piedosa.*

*A amargura em meu peito só persiste
Quando, com sentimento e ardor insano,
Essa voz se levanta e ao piano
Evola uma canção ou fado triste.*

*Nos lábios sempre impresso êsse sorriso
Que nos vem minorar o sofrimento
E arrastar p'r'álêm do pensamento
Meras tristezas dum sonho indeciso.*

*Naquel'rosto impregnado de beldade,
Vê-se a expressão sincera dum amor
Que aurifulgindo com intenso ardor
Nos prende o coração pela «Saudade».*

*Só seria feliz o meu viver
Se seus lábios se abrissem para amar,
E o peito junto ao meu sentisse arfar
Num sentimento d'alma até morrer.*

Guimarães, Maio de 1916.

A. F. F.